

Ainda e sempre, defesa das liberdades humanas*.

Moacyr Amaral Santos

Catedrático de Direito Judiciário Civil na
Faculdade de Direito da Universidade de
São Paulo.

Tão só por dever assumimos o encargo de ocupar a tribuna. O eleito por seus merecimentos, aliando a distinção, que o comovera, ao encerramento de suas atividades nesta casa, presentindo a angústia da despedida inevitável das almas queridas que a povoam e o amam, furtou-se ao ato, para assim fugir às homenagens que justamente lhe seriam tributadas. Preferido seria outrem, em sua substituição, se os consultados, todos salientes de dotes entre os seus pares, não se escusassem com ponderações irrefutáveis à honraria, que a tanto equivale proferir a oração doutoral na solenidade comemorativa da fundação dos cursos jurídicos do país. Tomando sobre nós o encargo, que ao mesmo tempo é prêmio, exercêmo-lo no cumprimento do dever de submissão às deliberações da augusta Congregação.

É de imaginar, vivêssemos nós em São Paulo ou Recife de 1827, com que transbordante e patriótico contentamento festejaríamos a notícia da lei de 11 de Agosto! Complementava-se a independência do país, dando-se-lhe condições de existência estável, consideração, aliás, apadrinhada por FERNANDES PINHEIRO, visconde de São Leo-

*. Oração proferida no salão nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 11 de Agosto de 1961, na solenidade comemorativa da fundação dos cursos jurídicos no Brasil.

poldo, no limiar da primeira Assembléia Constituinte, ao advertir seus pares ser impossível a existência de nação independente sem uma escola de ciências, em que se formasse a inteligência da sua mocidade. À independência, no Ipiranga, rompendo os laços políticos com o além-mar, seguia-se, logo em primeiro de março de 1828, ainda em São Paulo, a Academia, no Convento de São Francisco, onde se ilustraria, ao contacto com o pensamento universal, que as ciências e as artes infundem, a mentalidade da nova pátria.

Em grande parte, a escola é o professor. Mas pressupõe alunos. Aquêlê abre clareiras, ensejando as longas caminhadas; êstes por elas investem, mas já prevenidos, e por isso confiantes, desbravando o ignoto. As lições são pontos de partida, para direções as mais variadas, quantas delas inesperadas. Explica-se assim porque, sem embargo das noções confusas e até mesmo inconciliáveis de filosofia jurídica, na cadeira de direito natural, expendidas por AVELAR BRÓTERO, a misturar fundamentos da escola teológica com idéias de racionalismo revolucionário, os seus discípulos lhe tomassem a dianteira no desvendamento das doutrinas e dos fenômenos sociais da época e assinalassem a preocupação de imprimir as tendências novas na direção dos destinos do país. “Já então — disse um dia Rui, rememorando a sua juventude — já então a nascente Academia era um meio habitado pelas reivindicações do futuro”. E tais eram que mesmo aos professores, “que haviam bebido os estilos do respeito nos moldes coloniais”, causavam espanto.

Transportara-se para o Convento, envolto em romantismo, o racionalismo apaixonante do ROUSSEAU e de SIÉYES, não bastando aos moços, entretanto, proclamar a liberdade como da essência do homem, por mais agradar-lhes o princípio nos três postulados da Revolução, em que se desdobrava — a liberdade, a igualdade jurídica e a resistência à opressão, que iriam servir de bandeira aos movimentos nacionais até os nossos dias. Ao impulso dessas idéias, com a imprensa de COSTA CARVALHO e de

LÍBERO BADARÓ, acompanhados de uns poucos liberais, prepararam os acadêmicos a pequenina São Paulo, de dez mil almas, para a tormenta de 1831, em que, na frase do mesmo RUI, “o trono se salvou nos braços do povo”.

Na cátedra de direito romano, quarenta e tantos anos depois, pregava CRISPINIANO o historicismo de SAVIGNY. Nos meios estudantis, entretanto, dominante o arraigado sentimento de liberdade e resistência aos desmandos do poder, perdurava a influência da Marselhesa e da sua filosofia. Verdade é, de há muito, no mundo culto, se passara de ROUSSEAU para KANT, cujo idealismo consciente e comedido refreava os exageros e retificava as inconsistências do “Contrato Social”, mas, nos arraiais acadêmicos, do gênio de Heidelberg, não obstante já penetrável nas preleções escolares, apenas ressoava a unção com que o filósofo trabalhava a liberdade para erigi-la em idéia fundamental dos direitos. No campo das atividades políticas, nas fermentações da maçonaria, nas polêmicas dos salões, ou nos comentários do *Radical Paulistano*, apesar dos proclamados talentos de Crispiniano, o seu homem histórico e social seria ainda por muito tempo olvidado pelo homem ideal, com os seus direitos inatos e inalienáveis. A revolução, que alimenta a mocidade e dela se alimenta, continuava em marcha, agora mais difícil e perigosa, com a finalidade de desembaraçar os negros das algemas e o Brasil do opróbrio da escravidão.

Nos entreveros da luta, que se anunciava renhida, a preeminência dos acadêmicos mais de uma vez se fêz assinalada, até mesmo com o sacrifício do prestígio e autoridade dos mais doutos mestres. Assim, na “Loja América”, ANTONIO CARLOS, seu ilustre venerável, morde a derrota inflingida pelo mesmo RUI, liderando ali a corrente liberal. Por proposta dêste, a que se opôs o professor de direito comercial, os membros da casa se obrigaram a libertar o ventre de suas escravas e se impunha aos futuros iniciandos o mesmo compromisso. Com êsse ato, que por si só qualifica uma geração, com a ajuda dos estudantes da Academia antecipavam os liberais de São Paulo,

que naquela casa se congregavam, a medida que dois anos mais tarde, em 1871, se converteria na lei de 28 de Setembro.

Logo mais, na Congregação e na cátedra pontificava BENEVIDES, a um tempo mui douto e cintilante, convicto e corajoso na pregação apaixonada da escola teológica, dos direitos que todos vêm de Deus, transmitidos aos homens pela revelação. Encantava os discípulos, mas não os convencia. “Retumbava na cátedra — assevera PORCHAT — mas não penetrava os espíritos” Estes, os dos estudantes, se distribuíam entre SAVIGNY e o racionalismo, mais para esta que para aquela escola. Amavam o mestre consagrado, mas estavam comprometidos com a Abolição e já sonhavam com a República.

Os devaneios republicanos, todavia, já atraem os moços para o positivismo, não poucos dos quais, enebriados com o “Sisthème de Politique positive”, de COMTE, se inclinariam para a “religião da humanidade”, que tem “o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”.

Acentuam-se mais colorida e calorosamente as correntes do pensamento e conforme elas as incursões precipitadas, mas claramente definidas, para o futuro. Com um ano de diferença, dois acontecimentos de repercussão nacional sem precedentes: lançam os republicanos o seu Manifesto e promulga-se a lei do ventre livre. Mais um passo, à Abolição seguia-se a queda do trono.

Custou caro a República para ajustar-se. Na consolidação destruiu os partidos, engrenando-se as fôrças políticas no regime das unanimidades imposto pelo govêrno da União, a cujo serviço a probidade pessoal dos melhores e mais eminentes cidadãos se desprimorava na prática da mais indecorosa e repelente fraude eleitoral, sem a qual os ocasionais agrupamentos oposicionistas ganhariam terreno e perturbariam a estabilidade dos beneficiados pelo bafejo oficial. Conseqüência inevitável do despudor eleitoral, a onda surda de protestos a acumular-se na imprensa, nas escolas e nos quartéis.

Na Academia, o nosso querido JOÃO ARRUDA, tanto na cátedra como na imprensa e em obras magníficas, não ocultava, antes proclamava decidida simpatia pela tese do direito de resistência aos tiranos, aos déspotas e aos maus governos em geral, e sua pregação agremiava incontável número de entusiastas, não só entre os discípulos como ainda no grande círculo dos intelectuais desiludidos com os donos da República. Foi a época das quarteladas, mas também o período de manifestações imorredouras de independência e idealismo de professôres e estudantes, irmanados na campanha de reforma eleitoral com a implantação do voto secreto.

Pondo em prática a doutrina que espalhavam, os estudantes do meu tempo, após disputas acérrimas e prolongadas, das quais raros dêles deixaram de participar direta e apaixonadamente, aprovaram nosso projeto que instituía o voto secreto nas eleições do Centro Acadêmico XI de Agôsto, ato que marcaria uma etapa e exemplo que iria repercutir em tôdas as camadas da sociedade e reproduzir-se nas mais diversas agremiações do país.

Concomitantemente, numerosos estudantes, de parceria com poetas e jornalistas, organizavam-se em partido político, o Partido da Mocidade, que fixou bases em vários recantos do país e iria despertar as mais puras fontes da intelectualidade paulista a empreender a criação do Partido Democrático, de ampla e crescente aceitação nacional, e a que deram inconfundível relêvo FRANCISCO MORATO, GAMA CERQUEIRA, REINALDO PORCHAT, JOÃO e BRAZ ARRUDA, JOSÉ ULPIANO, CARDOSO DE MELO NETO, VICENTE RAU, OCTAVIO MENDES, WALDEMAR FERREIRA, MÁRIO MASAGÃO, ERNESTO LEME, PINTO PEREIRA, para mencionarem-se apenas, dos seus grandes vultos, os que pontificavam nesta casa.

Da incompreensão e teimosia governamental, expressas em acintosos e desnecessários atos de estrangulamento a qualquer preço do movimento de elevação dos costumes e processos eleitorais, que o jovem e valente partido encantara com ruidosos aplausos em todos os ângulos do país,

resultou, quase sem maior esforço, como resposta a uma necessidade, a formação do ambiente revolucionário que das casernas e escolas se estenderia a tôdas as camadas da família brasileira.

A revolução, que veio, se com facilidade triunfou, com mais facilidade ainda, para desaponto dos seus idealizadores, traiu os sagrados compromissos. E de novo o velho Convento de São Francisco voltou a conspirar em defesa das liberdades e, como um só homem, mestres e discípulos, compreendidos na unanimidade dos paulistas, lançaram à ditadura o grito de guerra. Todos lutaram e muitos tombaram por dias melhores, que desgraçadamente foram curtos.

Ainda sangravam as feridas e se banhavam os espíritos na doce ilusão de que os sacrifícios não teriam sido baldados quando a nação, estuporada, recebe desprevenida e indefesa o golpe fascista, que desterra os fortes, algema os bravos, sufoca as inteligências, pisoteia os desarmados, esmaga os direitos dos cidadãos. À cátedra, na Academia, se impõe o silêncio e quem falou ou ameaçou falar dela foi afastado como elemento perigoso; no interior dos seus muros se agasalhavam, ocultos, espias do caudilho. Nesse regime, de humilhações e violências, a que ninguém escapou, retornou o velho Convento ao seu papel, a que está predestinado, de centro de irradiação das esperanças dos homens livres, e, quando uma tarde a sua mocidade veio à rua exhibir seus peitos à metralha da polícia apavorada, os dias da Ditadura estariam definitivamente contados.

Cento e trinta e quatro anos completa hoje a Academia. No cumprimento de sua função, como escola e laboratório, esparramou as ciências e as artes, enobreceu e difundiu o direito, a que deu desenvolvimento e sistema, formou sábios e criou poetas, fêz-se celeiro permanente de civismo e de estadistas. Sua história é a da nação, a que serviu com dedicação sôbre-humana e altaneria de quem se aprimora e se engrandece servindo pela glória

de servir. Sua história não tem hiatos, é um trabalhar sem fim, mas que não se repete, porque em contínuo movimento para as metas do futuro, e que não cança, porque às gerações, que passam, com o mesmo espírito se sucedem as gerações que ficam.

Sua história, vímo-la em rápidos traços, confirma as razões dos seus fundadores, de que fôra impossível sem a Academia a existência de um Brasil livre e independente. Deve-lhe a nação, à consciência cívica dos professores e discípulos, em vigilância insistente, a segurança das fronteiras das liberdades humanas, ininterruptamente ameaçadas e cada vez mais ameaçadas.

Na manhã de hoje, de festa acadêmica, na alegria gostosa de venerar-se a tradição, é esta mesma, entretanto, como se aprende das lições dos fatos que transmite, que nos pede atenção para os fatos que estão por vir e nos alerta contra as tocaias que precipitam os acontecimentos.

A disputa sem tréguas entre as duas concepções de vida, a guerra fria, ou psicológica, ou que nome se lhe dê, se desenrola célere conforme os planos preestabelecidos, sem recessos, nem recuos, projetando-se em todos os quadrantes do universo, em cada trecho da terra alcançando as atividades tôdas, tôdas as coisas e os homens todos, por todos os processos e em todos os aspectos. Disputa-se sôbre Berlim, e em revide transforma-se Cuba num arsenal de foguetes; defrontam-se duas Chinas e ambas se igualam na matança de chineses; no Oriente Médio arma-se o neutralismo de instrumentos de morte da mais variada procedência, na expectativa de por êles impor, no aceso da guerra, a política dos neutros; as colônias, no continente negro, tão logo se rebelam e se livram do jugo aviltante e deshumano, caem inermes nas malhas das intrigas e seus homens se entredevoram; em todos os Estados, desde a França, de CARLOS MAGNO, ao mais ignorado país asiático, há sempre oculto, para a punhalada fatal no momento propício nos defensores de suas liberdades, um exército de embuçados.

Da velha civilização, que recitava HOMERO e OVÍDIO, sabia FAUSTO de cor e discutia SHAKESPEARE, acompanhava DANTE ao Inferno e se gabava de ter relido os Cavaleiros da Távola Redonda, sonhava com CERVANTES e ria com RABELAIS, gastava noites ouvindo WAGNER e outras descansava na suavidade da Casa das Três Meninas, confrontava ARISTÓTELES com KANT, mas preferia SPENCER ou SANTO TOMAZ, da velha civilização, que admirava NAPOLEÃO mas se enamorava de SÃO FRANCISCO DE ASSIS, que criara o burguês e o conforto, mas instituíra o Estado de direito, constitucionalizando-o, erigindo-o em instituição jurídica a serviço dos cidadãos; da velha civilização apenas restam os sábios, cada vez mais sábios, acorrentados agora à técnica, que reduz o tempo e o espaço, empana o sol e incendeia o gêlo polar, inverte a lei da gravidade e desmonta o eixo da terra, transplanta para a máquina a inteligência do homem e parafusa no cérebro humano o transmissor das ondas da destruição. Apresta-se a hora de chegar-se à lua, em viagem de turismo ao pico de São Jorge; ou de alçarem-se satélites em volta das estrêlas, para apanhar raios eternos, que substituam a caduca eletricidade ou a já superada energia atômica; ou de gerar-se a criatura humana nas retortas dos laboratórios, produto industrial de inocente fabricação em série.

Super-civilização, talvez. Mas super-civilização da engrenagem e dos números, para a qual os homens, em nome de uma igualdade aritmética, na homogeneidade mais absoluta que a abstração alcança, são números constitutivos das massas; super-civilização que ao simples toque do dedo em botão misterioso transporta montanhas e separa as águas do mar, mas também movimentam as vontades materializadas, tais sonâmbulos, e as faz protestar ou aplaudir, avançar ou recuar, morrer ou matar; super-civilização em que o amor é tão só necessidade de gerar, consciência a arte de fingir, pátria a terra submetida, Deus sinônimo da mentira; super-civilização que aos ricos se amedronta com a revolta dos pobres, aos pobres se fomenta a revolta contra os ricos, e a uns e outros se

inocula o desprezo aos homens de inteligência, porque se não amedrontam nem com os ricos, nem com os pobres; em que as riquezas se produzem em escala de progressão sem precedentes, mas a vida se torna cada vez mais árdua e desassossegada e a miséria não se elimina, antes cresce; em que a pedintes de trabalho se entregam metralhadoras e aos famintos de pão se mata a fome com o veneno do ódio.

Essa a advertência amarga e apreensiva dos manes tutelares da Academia, nesta manhã comemorativa da tradição. Tem o calor de uma ordem de sobreaviso a professôres e alunos, ainda e sempre, como há cento e trinta e quatro anos, sentinelas avançadas das liberdades humanas e da independência nacional.

O alerta nos exige, em primeiro lugar, tomar consciência dos fatos e mais, ainda, atitudes desassombradas na defesa das tradições mais caras da gente brasileira, dos sentimentos de honra e de humanidade cristã, que a caracterizam e dos propósitos de ordem e progresso que são seus emblemas, dentro da mais harmoniosa e leal convivência com todos os povos da terra. Mas, de imediato, e como consequência, nos impõe exame profundo, desinteressado e sincero dos problemas tormentosos do momento, muito especialmente a complexa e aterrorizante questão social, que aos demais envolve, e de cuja feliz solução será possível eliminar a guerra fria, que enlouquece os homens e os povos, dando-lhes semelhança às feras.

Na impressionante e oportuníssima encíclica "*Mater et Magistra*", aflito conclâma-nos o Papa para o mesmo trabalho e em Punta del Este, em convenção das nações americanas, num derradeiro esforço, procura-se dar-lhe sentido prático e soluções adequadas. Ali se apontam aos professôres e discípulos os rumos cristãos, cuja doutrina tem por ponto principal constituirem os homens, um por um, "o fundamento, a causa e o fim de tôdas as instituições sociais"; aqui, com a finalidade de estabelecer-se

duradoiramente uma “Aliança para o Progresso”, guiada pelos mesmos rumos, se convocam os Estados membros da OEA “para demonstrar ao mundo que a liberdade e o progresso marcham juntos”.

A encíclica de João XXIII, que é tôda coragem e amor fraterno, fala aos mestres a palavra de ordem: “Contudo não basta expôr os preceitos sociais, mas é preciso aplicá-los de fato”. E aos alunos, à recomendação de que estudem muito a doutrina e sôbre ela reflitam, ordena-lhes que a pratiquem: “não aconteça pensarem que basta ter em mente as prescrições ensinadas, e não serem igualmente postas em prática”.

No congresso da Organização dos Estados Americanos, o representante dos Estados Unidos, tomando a iniciativa da proposta daquela Aliança, cujos princípios expõe com singeleza e espírito de realização, formula veemente apêlo à ação imediata e enérgica dos Estados convencionais: “Determinêmo-nos a preparar, tão rapidamente quanto seja possível, programas de desenvolvimento nacional amplos e de longo alcance, seguindo, entretanto, adiante e a tôda velocidade, com projetos e medidas urgentes de desenvolvimento, que estão prontos para a sua consideração. Robusteçamos grandemente nossa maquinária interamericana para o progresso econômico e social, pondo nossos melhores talentos a serviço do desenvolvimento”. E as nações americanas, à frente das quais a nossa terra, solidarizaram-se, tudo indica, no plano grandioso e indispensável de construção das possibilidades morais e materiais de um futuro mais em consonância com a natureza humana, em que ao suor e lágrimas, a que estão os homens votados, se conjugue um pouco de confôrto, embalado por um pouco de amor, de fé e de esperança na maravilha da criação.

Associado ao pensamento da Igreja e aos propósitos dos Estados Americanos, ousamos, senhores, dirigir à augusta Congregação requerimento de citação dos professores e discípulos, desta gloriosa Academia e das mais

escolas do país, dos intelectuais de todos os setôres, sem distinção de credos ou seitas, filosofias ou tendências políticas, para uma obra semelhante a que propõe João XXIII, tôda feita de desprendimento e patriotismo, para que as liberdades humanas continuem.

Será, meus senhores, a mais bela homenagem aos manes tutelares da nossa Academia.